

Sonhos de passarela

Iara Beleli⁴

A interpretação de imagens, de documentos, de eventos..., diz muito do lugar de fala do narrador. Há tempos, meu lugar de fala é perpassado pelas preocupações com a diferença, ou como os “diferentes” são instigados a se tornarem “iguais”, de forma a não explicitar demasiadamente a contestação de normas estabelecidas. Neste pequeno ensaio, faço uma reflexão de duas imagens. Levei dois dias para escolher entre setenta fotos, e todo o tempo buscava, silenciosamente, o que teria me levado à escolha de uma, em detrimento de outra. A dúvida se esvaiu quando estabeleci uma conexão entre elas. Na primeira, duas meninas aparecem em trajes de primeira comunhão; na segunda, um vestido de noiva em uma vitrine. Os trajes de noiva e da primeira comunhão guardam algumas semelhanças. Em ambas as situações, as meninas, e depois as mulheres, ganham centralidade, o que talvez as torne as maiores responsáveis pela perpetuação do compromisso e da fé. Os simbolismos – por vezes cristalizados – desses eventos são parte dos “significados compartilhados” (Vagner, 2010) em uma cultura.



⁴ Doutora em Ciências Sociais. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp.

As imagens foram captadas por travestis em dia de passeio a São Paulo para visitar o Museu da Língua Portuguesa e à “rua das noivas”⁵, ambos na cidade de São Paulo. Arrisco uma interpretação desses olhares e, mais ainda, uma conexão entre eles. Notem que marco “uma”, porque certamente as interpretações, muitas e variadas, se conectam com as trajetórias de vida de quem fotografa e de quem interpreta a foto. Começo pela minha leitura.



Se para muitas meninas o ritual da primeira comunhão se apresentava como um fardo, outras o resignificavam. No final da década de 1960, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, vivenciei, com um grupo de amigas, o ritual da primeira comunhão. Menos do que a fé – existente, mas não central –, nossos sonhos de passarela se concretizavam, mas iam além. As aulas de catecismo eram um lugar que permitia estar mais tempo em contato com os meninos, estendendo o flerte para além do espaço escolar. Em minha imaginação de um tempo passado, mas certamente informada pelo presente, a atração pelo “outro” era exclusivamente heterossexual. No entanto, pela centralidade que as meninas ganhavam na preparação do evento – o *frisson* na escolha de modelos dos vestidos e seus adereços –, não passava despercebido o olhar de certa “inveja” de alguns meninos. Quando pegos em flagrante

⁵ Em toda sua extensão, a rua São Caetano – situada próxima ao metrô Luz na região central de São Paulo – é conhecida pela enorme quantidade de lojas de vestido de noiva, incluindo trajes para noivos, padrinhos, pajens, madrinhas e acessórios – de sapatos a arranjos de cabeça.

desejo de sonhar com essa centralidade, os meninos eram alvos de comentários jocosos, o que os obrigava a voltar ao lugar que “lhes competia”, neste caso, de meros coadjuvantes. O sexo definia com o quê e com quem sonhar!

Um ponto alto na preparação era a permissão para usar guirlandas ou grinaldas, em alguns casos, as mesmas usadas pelas mães ou avós em suas bodas. Em busca deste acessório especial, baús e memórias reviradas evocavam lembranças de momentos percebidos como únicos. Primeira comunhão e casamento se encontravam em tempos e espaços distintos, como se o primeiro evento já fosse uma preparação para o segundo, destino “apropriado” para a maioria das mulheres.

Uma de minhas madrinhas se destacava naquele contexto. Dolores era assídua frequentadora dos trens que percorriam a estrada de ferro Ribeirão Preto-Rio de Janeiro, em meados dos anos 1960. Na volta de uma dessas viagens, ela narrou entusiasmada sobre uma peça de teatro que tinha chamado sua atenção pelo nome - *Vestido de Noiva*.⁶ Como “modista” (hoje seria estilista) de vestidos de noiva para as filhas de fazendeiros do café, suas viagens ao Rio de Janeiro eram uma forma de atualizar suas próprias criações, além de colocá-la em destaque. As percepções dos homens, nunca anunciadas diretamente, beiravam a recriminação – “muita liberdade”; as mulheres, entusiasmadas, estavam sempre dispostas a “conhecer” um pouco mais do Rio de Janeiro através de suas histórias, ora com certo orgulho, ora com certa inveja.

Durante a narração da peça de Nelson Rodrigues para um grupo familiar em almoço de domingo, sem se dar conta (ou se fazendo de sonsa), Dolores utilizou motes da encenação da peça para iniciar uma conversa sobre traições, desejos, castigos, vícios, que serviram como “carapuça” para muitos homens ali presentes, incluindo seu próprio marido que, constrangido, alegou ter compromissos inadiáveis para se ausentar antes da sobremesa. Dolores falava de algo que muitas mulheres dessa família cochichavam pelos cantos, mas que terminava em uma frase inesquecível: “ruim com ele, pior sem ele”. O “pior” remetia ao imaginário da “mulher largada”⁷, situação que ultrapassava questões financeiras – muitas das mulheres dessa família

⁶ Texto de Nelson Rodrigues encenado pela primeira vez no teatro em 1943, na cidade do Rio de Janeiro, sob a direção de Ziembinski. Parte da obra do polêmico autor, incluindo *Vestido de Noiva*, foi transformada na série de televisão *A Vida Como Ela É...*, transmitida no [Brasil](#) em 1996 no programa [Fantástico](#) ([Rede Globo](#)) e reapresentada em janeiro de 1997 e em julho de 2001.

⁷ Agradeço à Aline Tavares por me chamar a atenção para essa expressão recorrente na época.

ganhavam seu próprio dinheiro, incluindo a própria Dolores, e eram proprietárias de suas casas antes mesmo de se casarem.

Neste início do século XXI, mais de cinquenta anos depois, o casamento é um evento ainda muito celebrado. Bons exemplos aparecem nas novelas que, em um *continuum* de ficção e realidade, celebram as uniões e toda a parafernália que lhe é peculiar. Os finais de novela, com raríssimas exceções, reservam o momento de ápice ao casamento, no geral, do par central da trama. O restante do elenco, com pompa e circunstância ou de maneira discreta, também estará fadado à formação de par. Mais recentemente, nessas narrativas novelescas, é melhor estar em par do que estar só, mesmo que o/a parceiro/a seja do mesmo sexo, como se a união, pensada como monogâmica, regulasse de alguma forma as imaginações orgiásticas das relações homossexuais (Beleli, 2009).

Aos/às “marginais” resta a “solidão”, sinônimo de estar sem par (Gonçalves, 2011). Estar só é a punição para personagens considerados fora das normas e aí começa a confusão. Ladrões, assassinos, trapaceiros, que podem e devem ser punidos pela lei, são colocados ao lado de prostitutas e travestis. Travestilidade, não raras vezes, aparece como sinônimo de prostituição (Pelúcio, 2009), e aqui se juntam dois potentes estigmas: ser pensada como prostituta e apresentar uma corporalidade que questiona a coerência entre sexo, gênero e desejo (Butler, 1990). Esse questionamento na maioria das vezes é explicado como “loucura”, falta de moral, de fé, de vergonha. Poucos discursos midiáticos mostram travestis em espaços lúdicos – como em viagens, fotografando; quando tentam, geralmente deslizam para associações à miséria, à falta de uma sólida referência familiar, às drogas... (Beleli e Olivar, 2011).

Ao final deste texto, fiquei me perguntando por que as travestis escolheram fotografar trajes que remetem a eventos com tal reconhecimento social e cristalizados no tempo. Escolher eternizar em uma foto, as meninas na primeira comunhão, talvez seja uma forma de tornar presente algo que, no passado, provavelmente algumas viveram como impossibilidade. No presente, o vestido de noiva – eternizado como o símbolo de uniões, geralmente visibilizadas na equação amor/afeto/ práticas sexuais – talvez seja uma forma de contestação. Uma forma de dizer “eu posso”, também através da roupa que produz feminilidade, estar inserida em um “padrão” de feminilidade.⁸

Independente de querer ou não se casar, o *frisson* de “experimentar” vestidos de noiva, mesmo através de uma foto, talvez entre na imaginação como possibilidade de

⁸ Agradeço a José Miguel Olivar por ter me chamado a atenção para esse ponto.

efetuar compromissos, que podem ser com possíveis parceiros, mas fundamentalmente remete ao reconhecimento social de um grupo tão vilipendiado.

Se essa interpretação é factível, temos aqui um paradoxo. Nos sonhos de passarela – ser protagonista em eventos consagrados –, o vestido de noiva entra no imaginário daquilo que torna o diferente igual, mas é justamente essa diferença que desestabiliza pares de oposição, que encapsulam os sujeitos em lugares determinados, a partir de seus corpos, sexos, gêneros, desejos... O reconhecimento do embaralhamento dessas categorias dificilmente se daria através do casamento, cuja premissa está na constituição do par heterossexual, mas sonhos são sonhos!

Referências bibliográficas

BELELI, Iara e OLIVAR, José Miguel. Mobilidade e prostituição em produtos da mídia brasileira. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia; OLIVAR, José Miguel. *Circulações transnacionais: gêneros, sexo, afetos e dinheiro*. Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2011 [Coleção Encontros].

BELELI, Iara. “Eles[as] parecem normais”. Visibilidade de gays e lésbicas na mídia. *Bagoas*, nº 04, Universidade Federal de Natal, 2009.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity*. New York, Routledge, 1990.

GONÇALVES, Eliane. Novas solteiras: ecos do feminismo na mídia brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 141, nº 142, jan./abril de 2011.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo, Fapesp/Anablume, 2009.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História* (16), São Paulo, fevereiro de 1998.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosacnaify, 2010.